



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciência Política

**Os limites da utilização da escala direita-esquerda tradicional:  
um estudo de caso do Movimento dos Coletes Amarelos da França**

Kalyne Eduarda Ferreira de Carvalho

Brasília – DF

Julho/2024

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciência Política

**Os limites da utilização da escala direita-esquerda tradicional:  
um estudo de caso do Movimento dos Coletes Amarelos da França**

Kalyne Eduarda Ferreira de Carvalho

Monografia apresentada ao Curso de Ciência Política,  
do Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, como  
requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em  
Ciência Política sob orientação da professora Rebecca Neera  
Abers.

Brasília – DF

Kalyne Eduarda Ferreira de Carvalho

**Os limites da utilização da escala direita-esquerda tradicional:  
um estudo de caso do Movimento dos Coletes Amarelos da França**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do  
Curso de Ciência Política da Universidade de Brasília da aluna Kalyne Eduarda Ferreira de  
Carvalho

Professora PhD Rebecca Neaera Abers  
Professora-Orientadora

Brasília, 01 de julho de 2024

## AGRADECIMENTOS

Depois de dois anos escrevendo minha monografia, devo agradecer principalmente a minha orientadora, professora Rebecca Abers, por toda a sua paciência, dedicação, conversas, sugestões, correções e tempo. Sem sua capacidade de análise e de ensino, eu não teria conseguido desenvolver esse trabalho. Sua disciplina de Movimentos Sociais foi extremamente importante para a minha formação como cientista política e determinou todos os meus passos para a escolha do tema da minha monografia. Obrigada pela paciência com as mudanças de tema, atrasos em entregas e confusões lógicas na escrita. Sou uma cientista política melhor por sua causa.

Em segundo lugar, mas não menos importante, agradeço à Ana Beatriz, minha principal fonte de alegria, calma, consolo, determinação e paciência para conseguir realizar este trabalho. Seu amor e seu companheirismo foram imprescindíveis para que eu não desistisse desta segunda graduação. Obrigada por me acompanhar em todas as loucuras e por me ouvir falar sobre política, apesar de odiar. Obrigada pelos seus comentários ridículos sobre política que me fazem gargalhar. Sua leveza trouxe exatamente o que eu precisava durante esse período de monografia. Sem você, essa monografia não existiria, assim como meu segundo diploma não teria saído do campo das ideias. Obrigada por me impulsionar a ser uma pessoa e uma profissional melhor todos os dias.

Agora, o agradecimento é para a minha família que, apesar de estar longe, me auxiliou em meu desenvolvimento como pessoa. Este trabalho é resultado de uma família que me apoiou em sair de casa aos 18 anos para buscar um sonho: me tornar uma profissional formada em uma universidade pública brasileira. Com diversos entraves, chego ao final da caminhada com dois diplomas, podendo finalmente me reconhecer como internacionalista, como sempre sonhei, e como cientista política, curso que aprendi a amar. Sou uma profissional mais completa por terem acreditado na minha capacidade de aguentar uma dupla-graduação.

Por último, faço um agradecimento nominal a pessoas fundamentais à elaboração deste trabalho: Lindaura, Jorge, Natália e Pezzi. O suporte familiar dado pelos dois primeiros nos últimos dois anos foi extremamente valioso para que eu me mantivesse forte o bastante para continuar com a dupla-graduação; portanto, obrigada. À Natália, obrigada por todas as discussões de extrema profundidade sobre política, textos das disciplinas, trabalhos e matérias. Sua parceria nos últimos anos foi fundamental para minha formação como cientista política. Finalmente, ao meu melhor amigo, Pezzi. Apesar de toda a distância, sua amizade continua sendo a minha base.

## RESUMO

O presente trabalho aborda os limites da aplicação da escala direita-esquerda tradicional, utilizando o Movimento dos Coletes Amarelos na França como estudo de caso. A partir do aumento de preço do diesel, o movimento surgiu abarcando pessoas com diferentes origens, classes e objetivos, levando à criação de um movimento heterogêneo. Com base em revisões bibliográficas sobre a escala direita-esquerda, a política francesa e o próprio movimento, busca-se apresentar como esta escala é insuficiente para posicionar movimentos que tenham o mínimo de complexidade no cenário político atual e internacional, apesar de ser utilizada de forma generalizada na mídia e na própria Ciência Política.

**Palavras-chave: movimentos sociais; direita e esquerda; Coletes Amarelos; ideologia; teoria política; política francesa.**

## **ABSTRACT**

The present work addresses the limits of the application of the traditional left-right scale, using the Yellow Vest Movement in France as a case study. Following the increase in diesel prices, the movement emerged encompassing people with different backgrounds, classes, and goals, leading to the creation of a heterogeneous movement. Based on literature reviews on the left-right scale, French politics, and the movement itself, this work seeks to show how this scale is insufficient to position movements that have a minimum of complexity in the current and international political landscape, despite being widely used in the media and Political Science itself.

**Key words: social movements; right and left; Yellow Vests; ideology; political theory; french politics.**

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	METODOLOGIA.....	9
3	DIREITA E ESQUERDA .....	10
	3.1. Definição e criação do espectro direita-esquerda.....	10
	3.2. Questionamentos sobre a escala tradicional.....	13
4	CONTEXTUALIZAÇÃO DA POLÍTICA FRANCESA .....	16
5	MOVIMENTO DOS COLETES AMARELOS.....	21
	5.1. Formação e composição .....	21
	5.2. A cobertura midiática do movimento.....	24
	5.3. A organização do movimento.....	26
	5.4. Os objetivos do movimento.....	30
6	O MOVIMENTO, SEU POSICIONAMENTO E CONSIDERAÇÕES FINAIS .	31
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	33

## 1 INTRODUÇÃO

O Movimento dos Coletes Amarelos surgiu na França, em 2018, durante o primeiro mandato de Emmanuel Macron, em decorrência de ações do governo para aumentar os impostos sobre os combustíveis fósseis, principalmente o diesel. No entanto, ele foi resultado de insatisfações já existentes na população do país, principalmente em relação à economia. Naquele momento, existia uma desvalorização do salário da classe média, com aumento da concentração de renda dos mais ricos, mesmo movimento que levou à ascensão da extrema-direita no resto do mundo.

A partir do estopim do movimento, diversas análises foram feitas no calor do momento que levaram a afirmações que, hoje, são duvidosas. É proposto neste trabalho analisar algumas delas, por exemplo se o movimento seria antiambientalista. Essas análises ajudam a entender se é realmente possível colocar o movimento dentro do espectro tradicional de análise política, direita-esquerda, como foi feito naquele ano, ao colocá-lo à direita por conta do contexto mundial.

Com base no trabalho realizado, a resposta é que não é possível colocar o movimento dentro do espectro tradicional de análise política, por diversas razões. A principal seria a heterogeneidade presente dentro do movimento, que abarcou pessoas de diferentes classes, raças e objetivos. Em decorrência da primeira razão, surge a segunda: o movimento não possui um líder, o que impede que haja uma estruturação deste movimento em torno de objetivos determinados.

Nesse sentido, o trabalho é dividido em cinco partes; a primeira será uma breve explicação da metodologia utilizada para entender o movimento e a utilização da escala esquerda-direita. Depois, é apresentado um capítulo dedicado a entender os conceitos predominantes de direita e esquerda na Ciência Política e como esses conceitos têm sido aplicados no caso da França, além de entender como essa divisão tem sido visualizada no país desde o início do século.

Em seguida, é feita uma apresentação de uma revisão de literatura do movimento, seu funcionamento, sua organização e seus objetivos. Já a próxima parte demonstra a dificuldade de encaixar o movimento na escala tradicional, devido à forma como o movimento foi criado, desenvolvido e continua sobrevivendo na política francesa. Por último, são apresentadas as considerações finais do trabalho, com as respostas para as perguntas expostas na metodologia e possíveis novos caminhos que podem ser estudados dentro do movimento.

## 2 METODOLOGIA

A pergunta principal a ser respondida por esse trabalho é: **o Movimento dos Coletes Amarelos pode ser enquadrado dentro do espectro tradicional da Ciência Política de Direita e Esquerda?**

Já os objetivos desse texto são:

- a) Apresentar as principais publicações acadêmicas acerca da teoria de espectro político direita-esquerda e como essa divisão foi inicialmente criada e utilizada desde então;
- b) Entender como o movimento surgiu e evoluiu em si mesmo, escapando da polarização mundial na política presente desde 2016;
- c) Observar como o movimento se portou com as tentativas de polarização;
- d) Explorar as possibilidades de enquadramento do movimento dentro dos conceitos tradicionais de esquerda ou direita;
- e) Analisar a política francesa para entender o que seria esquerda e direita no país, uma vez que se trata de conceitos que variam a depender do local em que são aplicados;
- f) Apontar eventuais caminhos de pesquisa a serem explorados, principalmente a partir de possíveis lacunas existentes na literatura analisada.

Serão feitas três revisões de literatura: a primeira busca analisar a teoria existente na Ciência Política sobre o espectro de direita e esquerda. O texto base inicial utilizado é o clássico “Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política” (1995) de Norberto Bobbio. A partir dele, são apresentadas análises mais recentes do espectro, que foram feitas por outros autores. No sentido contrário à utilização do espectro nas análises, o texto de Bauer *et al* (2006) serviu para elucidar problemas com a da utilização desse espectro para classificar políticos e políticas.

A segunda revisão será feita sobre a política francesa em si, buscando entender o que é visto como direita ou esquerda no país, uma vez que o espectro depende, em muito, da cultura local para ser aplicado. Ou seja, o que é esquerda nos Estados Unidos, pode ser considerado centro ou até mesmo centro-direita na França.

Já na última revisão, busco apresentar os trabalhos mais influentes sobre o Movimento em si, apresentando sua formação, organização e seus objetivos, tentando explicar como aquilo que o forma não é passível de enquadramento dentro da escala esquerda-direita tão facilmente como se tentou nos primeiros anos de existência do movimento.

As revisões bibliográficas detêm dois propósitos, como é colocado por Vosgerau e Romanowski (2014, p. 170): construção de contextualização para a questão e análise de possibilidades presentes para a pesquisa. Nesse sentido, é utilizada também a análise documental secundária, optando por não utilizar a primária por se tratar de um movimento social difuso e sem liderança, o que torna difícil encontrar manifestos que foram realmente feitos pelo movimento como um todo, não apenas por uma parte dele.

Entre esses documentos, encontram-se pesquisas que foram feitas por participantes do movimento, que tentaram entender as demandas e de onde essas pessoas vinham, demonstrando uma pluralidade de ideias, objetivos e espectros, com eleitores do Macron misturando-se com aqueles que votaram em outros participantes da eleição presidencial mais recente na época.

Dessa maneira, a partir da revisão sobre a escala direita-esquerda foi possível analisar como ela é utilizada atualmente, o que seria esquerda e direita e como ela surgiu e continua sendo utilizada ainda hoje. Depois, com a apresentação de textos que questionam essa escala, é possível observar a falta de profundidade com que ela é comumente utilizada. Nesse sentido, parte-se para uma explanação sobre a política francesa, buscando explicar a situação política que levou ao Movimento dos Coletes Amarelos, em partes explicando também como funciona a esquerda e a direita na França. Por último, apresenta-se o movimento dos Coletes Amarelos, com textos recentes que abordam a questão da complexidade do movimento, seus objetivos e sua composição.

### **3 DIREITA E ESQUERDA**

Neste espaço, pretende-se fazer uma revisão sobre aquilo que é definido como esquerda e direita tradicionalmente e, depois, sobre a Direita e a Esquerda francesas. O objetivo é explicar como o espectro é utilizado na Ciência Política e como ele pode ser diferente na França, onde o movimento está localizado, para explicar a política e dividir grupos políticos. Além disso, pretende-se fazer uma explanação sobre direita e esquerda também fora da França, para entender como essa dualidade tem sido utilizada para facilitar o entendimento de política, mas acaba fazendo com que ela seja simplificada e perca complexidades importantes.

#### **3.1. Definição e criação do espectro direita-esquerda**

Para se pensar na divisão entre Direita e Esquerda utilizada de forma generalizada no debate político mundial, é preciso voltar no tempo para entender suas origens. Nesse sentido, a história nos mostra que seu surgimento foi na Revolução Francesa, em 1789, momento de turbulência responsável pela difusão de diversos termos voltados para nomear vertentes políticas

(Carvalho, 2022). Entre eles, há as palavras “liberalismo”, “conservadorismo”, “nacionalidade”, “proletariado” e a própria “ideologia”, como é mostrado por Eric Hobsbawm (2012). Esses verbetes criados são utilizados até hoje e, da mesma forma, ainda marcam uma divisão entre diferentes tipos de pensamentos.

Para entender o surgimento da divisão entre “direita” e “esquerda” e seus fundamentos, é necessário falar sobre o contexto em que ela foi criada na Revolução Francesa. Durante a Assembleia Constituinte da Revolução Francesa, aconteceu o debate sobre o rei poder ou não ter direito a vetar novas leis que seriam criadas pela Revolução e se esse direito seria absoluto ou se poderia ser suspenso. Nesse momento, alguns se colocam à direita do presidente, principalmente aqueles que eram nobres e querem manter seus privilégios, votando pela conservação dos poderes do rei, enquanto outros se colocam à esquerda, buscando diminuir os poderes do rei ao votar pelo direito mais limitado de veto para o rei (Brechon, 2017). A partir dessa divisão criada em um momento da Revolução Francesa, os membros do parlamento francês passaram a se sentar de acordo com sua posição ideológica: os conservadores na direita e os aqueles que buscavam uma mudança na política na esquerda (Bauer *et al*, 2016).

Em seguida na história, pode-se ver mudanças acontecendo ao longo do tempo na forma como os termos direita e esquerda são utilizados. Por exemplo, após 1848, com a divulgação do Manifesto Comunista de Karl Marx (1848), passa-se a relacionar esquerda com os termos “socialismo” e “comunismo”, fazendo com que haja uma ampliação da régua esquerda-direita tradicional. Portanto, o tempo todo vê-se alterações sendo feitas nas definições de esquerda e direita, como também no caso do debate econômico dos anos 1970 entre maior interferência na economia (keynesianismo) ou menor (liberalismo).

Para exemplificar o uso e a defesa pela utilização dessa divisão histórica, tem-se que essa distinção em dois polos opostos teoricamente impediria que um movimento seja simultaneamente de direita e de esquerda, ou seja, um movimento ou uma doutrina podem ser apenas ou de direita ou de esquerda (Bobbio; 1995. p. 31). Como propõe Norberto Bobbio em seu livro “Esquerda e Direita – razões e significados de uma distinção política” (1995), esquerda e direita não seriam apenas ideologias, mas programas contrapostos para determinar soluções políticas, contrastando ideias, interesses e valores. Nesse sentido, o autor defende ser impossível que essa distinção dual deixe de existir em algum momento na sociedade (Bobbio; 1995. p. 33).

Dentro dessa lógica, Bobbio (1995) defende que, apesar da maior complexidade desenvolvida nas sociedades modernas e provável maior aceitação de diferenças, a existência do centro político pressupõe e garante a continuação da existência de uma divisão entre esquerda e direita (Bobbio, 1995. p. 34-36). É nesse sentido que Bobbio (1995) traz a ideia de que o termômetro de direita e esquerda é baseado na ideia de igualdade, sendo que a esquerda seria o lado que busca maior igualdade e políticas públicas que auxiliem que essa igualdade exista. Para Bobbio, o conceito de igualdade é relativo e depende de três variáveis essenciais: as pessoas envolvidas na distribuição, os bens ou ônus a serem repartidos e os critérios usados para essa repartição. (Bobbio, 1995. p. 96. Lacerda, 2019. p. 27-28).

Nesse sentido, Bobbio declara que qualquer discussão sobre igualdade ou repartição deve considerar quem está sendo incluído, o que está sendo distribuído e com base em quais critérios. A partir dessa combinação, surgem diferentes tipos de distribuição, todas consideradas igualitárias, embora diversas (Bobbio, 1995. p. 97).

Essa ideia de escala unidimensional para tentar medir ideologias foi levada para outras ciências, como a econômica. Nesse sentido, Bauer *et al* (2006) traz que se passou a medir também o quanto um governo deveria intervir na economia ou não, fazendo com que a primeira escala “liberal-conservador” fosse criada, sendo que quanto mais intervenção, mais à esquerda estaria (Bauer *et al*, 2006). Atualmente, essa escala de esquerda-direita continua sendo extremamente utilizada, desde notícias jornalísticas até mesmo em livros de Ciência Política.

Em análises mais recentes, como no texto de Jorge *et al* (2020), que busca apresentar os posicionamentos dos partidos políticos brasileiros de acordo com a escala esquerda-direita, há uma definição que tem sido utilizada para análises do que seria a direita e a esquerda:

- **Direita:** comumente, ela é associada a preocupações com a manutenção do status quo, segurança interna e externa e liberdade. Ou seja, a direita tende a ser ligada à defesa da manutenção das estruturas sociais e políticas estabelecidas, sendo também frequentemente ligada a políticas conservadoras e de mercado, como neoliberalismo.
- **Esquerda:** relacionada às políticas de bem-estar social, ou seja, intervenção estatal para garantir aquilo que é reconhecido como direito, além de investimentos estatais de forma ostensiva para gerar empregos, por exemplo. Há uma maior preocupação com a igualdade social, defesa de políticas públicas para populações

marginalizadas e relações internacionais ligadas à teoria liberal das RI (ONU, internacionalismo, pacifismo).

Além destes dois polos, Jorge *et al* (2020) traz ainda uma definição para o **centro**, que seria uma posição intermediária em um espectro, que pode tentar equilibrar as posições defendidas pelos dois polos. Nesse sentido, há a possibilidade de existir tendências de centro-direita e centro-esquerda, por exemplo.

Outro texto recente (Joshi, 2021) argumenta que a principal diferença entre esquerda e direita seria pautada por uma discussão sobre concentração de poder, e não igualdade, como colocado por Bobbio (1995). Nesse sentido, ele define a **direita** a partir da busca pela concentração de poder; enquanto a **esquerda** buscaria a descentralização e ampliação da inclusão. Ainda sobre os Estados Unidos, é colocado que os partidos

No mesmo sentido, Caprara e Vecchione (2018) defendem que a esquerda abandonou a subversão do capitalismo e abraçou a democracia liberal, o que significaria que a esquerda teria se tornado menos progressista. Essa mudança foi demarcada, principalmente, pelo fim da Guerra Fria, que trouxe mudanças substanciais para a direita e para a esquerda, já que o principal símbolo do comunismo, vertente de esquerda, havia sido destruído. Ainda seguindo tal ideia, os autores analisam a globalização como parte importante da mudança da definição de direita e esquerda, já que forçou uma abertura de mercados e dependência de outros países.

Dessa forma, desde a criação do espectro utilizado para demarcar diferenças políticas em esquerda e direita, houve diversas mudanças para tentar encaixar essa forma de análise dentro da realidade de cada país. No entanto, poucos trabalhos dão conta da possibilidade de que movimentos sociais podem ser tão diversos ao ponto de não caber nas caixinhas montadas para o espectro político em questão, devido principalmente à diversidade existente em grupos.

### **3.2. Questionamentos sobre a escala tradicional**

Um dos argumentos principais contrários à utilização da escala direita-esquerda é que ela foi criada para reduzir a complexidade do espaço político, servindo como forma de comunicação da política (Fuchs; Klingermann, 1990. p. 205. Bauer *et al*, 2006. p. 574-575). Entretanto, ao reduzir a complexidade dos termos, essa comunicação política poderia se tornar falha, por permitir que pessoas associem coisas diversas com uma ou outra parte do espectro sem levar em consideração o que elas significam. Por exemplo, ao se pensar em esquerda, muitas pessoas ao serem questionadas são levadas automaticamente a relacionar esse lado do espectro com

intervenção massiva na economia pelo governo ou políticas afirmativas para populações minoritárias, o que nem sempre é a realidade.

Outros argumentos falam sobre o problema de que “esquerda” e “direita” serem termos muito vagos, amplos e abstratos, podendo causar confusão. Em Bauer *et al* (2006), os autores utilizam como base pesquisas feitas na Alemanha para explicar como a medida de esquerda-direita talvez não seja mais válida no contexto atual. Eles argumentam que essa escala varia até mesmo dentro dos países, não sendo possível obter uma resposta concreta ao perguntar a uma pessoa se ela é direita ou de esquerda. Por exemplo, uma pessoa pode associar um determinado partido como de esquerda e, definir seu lugar na escala em relação a este partido. Outra pessoa pode associar o mesmo partido como de centro, o que já muda a forma como essa segunda pessoa se posiciona. Dessa maneira, Bauer *et al* (2006) defendem que o espectro político esquerda-direita se tornou uma ferramenta de medição abstrata e baseada em construções sociais de cada pessoa que o utiliza.

No caso do estudo realizado por Bauer *et al* (2006), eles apresentam algumas palavras mais associadas à esquerda por pessoas que se consideram de esquerda, como social, comunismo e justiça; enquanto do lado da direita, foram mais utilizadas palavras como xenofobia, extremismo de direita, capitalismo e violência. Nesse sentido, a análise com base nas palavras mais utilizadas revelou diferenças significativas na medida da escala esquerda-direita dependendo de associações individuais com estes termos por essas pessoas. Ou seja, quanto mais à esquerda, mais provável de que aquela pessoa associe a direita à termos negativos, sendo o mesmo possível para pessoas que se consideram de direita.

Além dessa argumentação, é preciso ainda entender que, como colocam Bauer *et al* (2006) e Vegetti e Sirinic (2018), essas definições podem variar de acordo com o país, devido à cultura local, questões históricas, sociais e econômicas específicas, o que influencia como certos partidos e polos possam ser vistos. Em uma comparação simples (Vegetti; Sirinic, 2018), na Suécia, a esquerda está associada também às políticas de bem-estar social abrangentes, igualdade de gênero e proteção dos direitos dos trabalhadores. Nos Estados Unidos, essa discussão é pautada por cuidados de saúde universal, por exemplo, o que demonstra diferentes prioridades que definem esquerda e direita de formas diversas nos países.

Essa diferenciação feita baseada em ideias particulares daqueles que utilizam o espectro tradicional para se posicionar na política faz com que as pessoas deem maior atenção para suas similaridades com os partidos que estão no seu campo ideológico. Ao mesmo tempo, os indivíduos

dão ênfase para suas diferenças quanto pensam em partidos do outro lado do espectro (Širinić; Vegetti, 2018). Em suma, Širinić e Vegetti (2018) mostram que, ao categorizar, os indivíduos tendem a dar maior atenção às diferenças quanto ao lado oposto do que observar as diferenças dentro do próprio campo em que eles se colocam. Assim, os autores concluem que, apesar de os indivíduos veem alguns partidos como extremamente diferentes, eles podem não ser tão opostos como imaginado ao se observar suas posições reais quanto a políticas públicas.

Nesse sentido, Bauer *et al* (2006) concluem que o posicionamento e as associações feitas para se posicionar como de direita ou esquerda dependem não apenas do indivíduo, mas de fatores contextuais. Direita e esquerda não são a mesma coisa na França e no Brasil, por exemplo. Por último, os autores também trazem como a ideologia pode influenciar como as pessoas definem direita ou esquerda em uma pesquisa. Por exemplo, indivíduos com diferentes orientações ideológicas podem associar termos como ‘direita’ e ‘esquerda’ de forma pejorativa e dando maior visibilidade apenas a questões consideradas ruins daquela vertente política, o que pode levar também a um aumento na polaridade.

No texto de Lachat (2017), o autor defende que as questões econômicas e socioculturais estruturam as atitudes dos cidadãos em duas dimensões, diferentemente da escala esquerda-direita, que pensa em um posicionamento linear. Essa utilização de uma estrutura bidimensional leva a um espaço político mais complexo do que a escala tradicional poderia explicar. Por exemplo, em questões socioculturais, o autor demonstra que atitudes em relação à imigração e ao liberalismo cultural influenciam a localização ideológica dos cidadãos de direita de forma mais intensa do que aqueles que responderam às pesquisas colocando-se à esquerda.

Essas associações podem ser influenciadas por questões como nível educacional, socialização política e valores pessoais, resultando em uma diversidade de significados atribuídos aos termos. Além disso, a criação da pessoa pode influenciar a forma como ela enxerga essas vertentes políticas; por exemplo, crescer em uma família de direita, pode levar o indivíduo a se manter daquele lado do espectro, por apenas ter escutado aquilo que a família pensa sobre a esquerda (Bauer *et al*, 2006). Nesse sentido, no caso de movimentos sociais que envolvem diversas pessoas com vivências completamente diferentes, torna-se ainda mais complicado utilizar o espectro esquerda-direita para determinar a posição política daquele agrupamento.

#### 4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA POLÍTICA FRANCESA

Para se falar no caso da França, é preciso levar em consideração que um sistema político multipartidário como o existente no país gera uma estrutura mais complicada para se colocar dentro de uma linha unidimensional de preferências (Stimson *et al*, 2012). Stimson, Thiébaud e Tiberj (2012) utilizam dados das eleições francesas para analisar padrões de preferências políticas no país. Dentro do texto, eles chegam à conclusão de que não há apenas uma divisão entre direita e esquerda capaz de distinguir a população francesa. Para eles, é possível dividir a população em duas dimensões: uma que parte de questões socioeconômicas, outra que vem de novas questões culturais, sendo que as duas podem levar a posicionamentos diferentes na escala esquerda-direita tradicional (Stimson *et al*, 2012).

Entretanto, apesar do multipartidarismo, a política francesa ainda é personalista principalmente após a instauração da Quinta República (1958) com a mais recente Constituição do país. Naquele momento, com Charles De Gaulle no poder, havia uma clara desconfiança por parte do líder francês quanto aos outros partidos, o que deu origem a uma constituição que abre margem para uma liderança centralizada no presidente (Demossier *et al*, 2020). Como exemplo mais recente, em 2023, Emmanuel Macron utilizou o artifício do artigo 49.3 da Constituição para aprovar uma lei sem que ela passasse por uma votação na Assembleia Nacional. No evento, Macron aprovou a reforma previdenciária por meio de um decreto (Cohen, 2023).

Desde a instauração da Constituição de 1958, a política francesa viu-se dominada por principalmente dois partidos: Parti Socialiste (Partido Socialista ou PS) e o Les Républicains (Os Republicanos ou LR), sendo o primeiro de centro-esquerda e o segundo de centro-direita. Entretanto, em algumas eleições, esses partidos foram ameaçados por outros, como o Front National (extrema-direita, hoje Rassemblement National – RN) liderado por Jean-Marie Le Pen e, em seguida, por Marine Le Pen. No entanto, a força dos partidos tradicionais se manteve suficiente para impedir que esses novos partidos fossem eleitos, até chegar Emmanuel Macron (Demossier *et al*, 2020).

Como coloca Kipfer (2019), a política francesa sofre com uma incapacidade de lidar com crises neoliberais desde os anos 1980, o que ficou evidente com falha de Nicolás Sarkozy de criar uma base governista unindo os partidos existentes. Outra mudança significativa que se deve levar em consideração é a mudança demográfica no país. Por exemplo, em 1975, segundo o Institut National de la Statistique et des Études Économiques (Insee) (Athari *et al*, 2019), existiam 3,9

milhões de imigrantes na França, os quais haviam nascido fora do país e imigrado. Essa quantidade compunha cerca de 7,4% da população total e manteve-se estável até 1999. Depois desse último ano, houve um aumento, chegando a 6,3 milhões de imigrantes em 2018, os quais significam 9,7% da população.

Um ponto importante trazido pela Insee ao apresentar tais dados é que essa nova onda de imigrantes não veio de países europeus, como era o caso anteriormente. Em 1975, 49% dos imigrantes eram de origem europeia, como espanhóis, italianos e portugueses, sendo que, em 2018, essa taxa caiu para 18%. Essa maior quantidade de imigrantes para a França veio de países africanos, principalmente aqueles que anteriormente faziam parte do Império francês, como Camarões, Costa do Marfim e o Mali. Em 2018, as origens principais dos novos imigrantes africanos para a França foram o Congo, Senegal e a região do Magreb, onde estão outros países explorados pela França, como Marrocos, Argélia e Tunísia (Athari *et al*, 2019). Essa mudança demográfica foi fonte de grande parte dos embates entre os candidatos à presidência em 2017.

Outra questão trazida pelo texto de Kipfer (2019) é o fato de que a incapacidade de lidar com questões do neoliberalismo influenciou também a força de partidos de esquerda e uniões trabalhistas, as quais marcadamente tendem a ser consideradas de esquerda. Nesse vácuo de poder, abriu-se espaço para movimentos sociais independentes desses grupos que lideravam manifestações tradicionalmente, diminuindo a força dos sindicatos. Esses sindicatos também se tornaram menos representativos, já que não conseguiam mais atrair a população mais jovem e não se tornou mais representativo das mudanças demográficas ao não incluir pessoas não-brancas.

Outra contextualização importante sobre a política francesa é o aumento da desconfiança da população sobre o sistema político, um fenômeno que é internacional segundo os trabalhos de Chamorel (2019) e Buton (2022). Entretanto, esse crescimento pode ser visto inclusive na participação eleitoral da população francesa, que diminuiu drasticamente nas últimas eleições, levando a uma discussão sobre o fim da política tradicional na França (Chamorel, 2019. Buton, 2022). Nesse sentido, abriu-se espaço para o crescimento de candidaturas de partidos e pessoas que antes não faziam parte do *establishment* na França.

Essa evidente incapacidade dos tradicionais partidos de esquerda de lidar com novas questões e debates atuais fez com que eles começassem a ter perdas significativas no contexto eleitoral e até mesmo após serem eleitos. Essa divisão que se abriu dentro dos partidos e movimentos de esquerda gerou espaço para o crescimento de partidos de extrema direita, como a

Front National (FN). Nesse sentido, até mesmo partidos de esquerda acabaram se quebrando e deixando de seguir ideias tradicionais, como no caso do partido socialista antissemita, o *Egalité et Réconciliation*. Assim, tornou-se cada vez mais comum discursos de cunho xenofóbicos, racistas, antissemitas, autoritários e fascistas durante as eleições francesas e, posteriormente, até dentro de movimentos sociais (Kipfer, 2019).

Em um estudo mais recente, o qual utiliza a divisão entre direita-esquerda tradicional, Rodriguês (2018) busca trazer a discussão sobre a diferença entre populismo de direita e populismo de esquerda nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França e na Alemanha. O autor utiliza a definição de populismo de Ernesto Laclau, em que populismo de esquerda seria aquele em que há busca por um governo que garanta rede de segurança social, faça uma redistribuição igualitária de riqueza, contenha o poder das grandes empresas e dê ênfase a questões culturais (como políticas de identidade, antirracismo e defesa LGBTQIAP+).

Nesse sentido, Laclau chama o populismo de esquerda de “democracia radical” e Rodriguês (2018) diz que Nancy Fraser chama o mesmo fenômeno de “redistribuição e reconhecimento”. Já a definição utilizada para populismo de direita coloca que o governo é visto como uma das raízes do problema geral, não como a solução, além de buscar uma ênfase na agenda econômica com diminuição do tamanho do Estado e diminuição da intervenção governamental.

No caso da França, Rodriguês (2018) enxerga um embate entre populismo de esquerda e populismo de direita nas eleições de 2017. Naquele momento, há três grandes nomes concorrendo ao cargo de presidente do país: Emmanuel Macron, Marine Le Pen e Jean-Luc Mélenchon. Os dois últimos nomes são, respectivamente, exemplos de populismo de direita e de esquerda para o autor. Apesar desse embate entre Le Pen e Mélenchon, Macron acabou ganhando a eleição no segundo turno ao disputá-lo contra Le Pen. Para Chamorel (2019), Macron mostrou-se como um candidato centrista que conseguiu conquistar os eleitores indecisos.

O Front National (*Rassemblement National*) tornou-se marcado como um partido que combina declarações antielitistas com uma definição excludente de ‘povo’, principalmente direcionada contra imigrantes e a favor de uma cultura francesa idealizada. Nesse sentido, o partido se tornou a principal referência populista radical de direita na França nos últimos anos, principalmente a partir da moderação em questões sociais realizada por Marine Le Pen, para com seguir o apoio de pessoas mais ao centro (Marcos-Marne *et al*; 2022).

Dessa forma, enquanto em 2002, Jean-Marie Le Pen chegar ao segundo turno das eleições para presidente com o Front National foi uma surpresa, em 2017, não se pode dizer o mesmo sobre a chegada de Marine Le Pen. Já em 2012, Marine Le Pen conseguiu cerca de 17,9% dos votos nas eleições para presidente da França, o que a deixou ainda mais perto de um segundo turno. Com o governo de François Hollande, entre 2012 e 2017, o partido de extrema-direita Front National (FN), liderado por Jean-Marie Le Pen, pai de Marine Le Pen, ganhou espaço nos debates políticos. Essa visibilidade aumentou exponencialmente com a aprovação de François Hollande caindo ao decorrer de seu governo (Demossier *et al*, 2020).

Naquele momento, o partido de Hollande, o Parti Socialiste (PS), já não tinha mais chances de vencer as eleições em 2017, fazendo com que se imaginassem um embate entre o candidato do Les Républicains (LR) e Marine Le Pen. Aquela foi a primeira vez que um presidente na Quinta República não concorreu às primárias eleitorais por motivos que não de saúde. Como Kipfer (2019) coloca, a exposição e apoio à Marine Le Pen foi muito maior do que aquela conseguida por seu pai anteriormente, o que o autor diz que resultou de que uma resposta antifascista muito mais fraca em 2017 (Kipfer, 2019. p. 220). Esse próprio crescimento dos partidos de extrema direita ajuda a entender a crise que criou o movimento dos Coletes Amarelos.

Demossier *et al* (2020) também trazem o argumento de que Marine Le Pen conseguiu seguir uma estratégia de se afastar da extrema-direita de alguma forma. Segundo vários especialistas (Demossier *et al*, 2020. Snipes; Mudde, 2020), Le Pen foi colocada na mídia de uma forma menos antagônica que seu pai, o qual era reportado como um fascista, a partir do momento em que ela foi designada líder do partido. Segundo a própria Marine Le Pen, ela iniciou uma estratégia para modernizar o partido criado por seu pai e mudar a imagem carregada por ele, por meio de uma *dédiabolisation*, ou seja, busca para reduzir a imagem de que o partido seria maléfico.

Após 2011, quando se tornou líder, apesar de ter discursos de cunho racista, Marine Le Pen diminuiu seus comentários, buscando se aproximar dos eleitores menos à direita que ela e conseguir seu apoio, o que foi um sucesso por conta da sua exposição na mídia (Snipes; Mudde, 2020). No momento inicial das eleições de 2017, a campanha de Le Pen foi focada em assuntos econômicos, deixando de lado seus argumentos mais polêmicos sobre imigração ou terrorismo, os quais ela dizia ser um problema por conta de uma invasão dos imigrantes (Demossier *et al*, 2020).

Ao mesmo tempo, Mélenchon, candidato pelo partido La France Insoumise (LFI), anunciou sua candidatura durante as primárias, arrastando parte do apoio da esquerda para si. Nesse

sentido, a esquerda ficou ainda mais enfraquecida por estar tão dividida, o que impediu que o PS conseguisse encontrar um candidato capaz de angariar apoio para ser escolhido para o segundo turno. Assim, via-se o que era chamado como o fim do bipartidarismo tradicional da França, com o PS perdendo eleitores e a esquerda se dividindo, além de Mélenchon ser uma força capaz de diminuir as abstenções para o segundo turno (Demossier *et al*, 2020).

Da mesma forma, Emmanuel Macron, que foi ministro da Economia durante o governo de François Hollande, conseguiu crescer nas pesquisas e nas exposições, criando um movimento para sua candidatura. Aproveitando-se do discurso de *outsider*, Macron conseguiu ganhar apoio popular em um momento de desconfiança quanto ao sistema político. Em março de 2017, Macron passou a liderar as pesquisas e acabou vencendo nas prévias, conseguindo seu lugar na eleição, apesar de as pesquisas demonstrarem que os eleitores apoiavam Macron apenas baseados na ideia de voto útil (27%) ou por acharem que não tinham outra opção (16%) (Demossier *et al*, 2020). Seu movimento, chamado La République en Marche! (LREM), deu origem a um novo partido voltado para apoiar Emmanuel Macron. Segundo Demossier *et al*, o partido foi criado virtualmente por meio de inscrições gratuitas online, formando um grupo diverso de pessoas que dariam uma maioria para Macron no Legislativo.

Essa personalização da política partidária por Macron teve um impacto significativo na dinâmica política na França, reconfigurando o espectro político tradicional e alterando o papel e a importância dos partidos políticos. Foi com essa estratégia que Macron conseguiu monopolizar o centro político, transcendendo a divisão tradicional entre esquerda e direita e criando realmente um movimento centrista na França. O resultado foi a captura de um eleitorado moderadamente pró-negócios e pró-europeu, deixando para os partidos menores a luta por um espaço político composto por eleitores que sentem que a França está deixando de ser quem é e tentados por extremos (Chabal *et al*, 2023).

Outro ponto importante, trazido por Demossier *et al* (2020), sobre a demografia daqueles que votaram em Macron é que ele não era um candidato dos mais jovens, tendo mais apoio das pessoas com 35 anos ou mais, já que os mais jovens apoiavam Mélenchon, Marine Le Pen ou a abstenção (Demossier *et al*, 2020. p. 13). Durante sua campanha, Macron fez sinalizações para políticas sustentáveis em nome das mudanças climáticas, sendo que, uma das políticas nesse sentido que ele propôs ao ser eleito, foi responsável pela impulsão ao movimento dos Coletes Amarelos (Bejar-Garcia, 2020).

Da mesma forma que Macron fez uso da personalização na política, Le Pen e Éric Zemmour, ambos da extrema-direita, têm feito o mesmo com seus partidos. Esse movimento contribuiu para um ambiente mais instável politicamente, criando oportunidades para contestação por extremistas e acentuando o sentimento de alienação entre os cidadãos e a elite política francesa (Chabal *et al*, 2023). Nesse contexto, surge o movimento dos Coletes Amarelos que luta também por uma política mais representativa e democrática, demonstrando parte do descontentamento francês em relação à política personalista que é vista na França nos últimos anos.

## **5 MOVIMENTO DOS COLETES AMARELOS**

O Movimento dos Coletes Amarelos surgiu na França durante o primeiro governo de Emmanuel Macron, em 2018. Inicialmente, o movimento foi taxado como antiambientalista por conta de o estopim do movimento ter sido uma movimentação do governo francês para criar políticas para aumentar o preço dos combustíveis, principalmente sobre o diesel.

Nesse sentido, nessa parte do trabalho, busca-se explicar o movimento e desfazer algumas noções que já foram desmentidas pela academia, mas continuam no imaginário popular devido à forma como o movimento foi apresentado pela mídia. Além disso, como base fundamental do argumento de que o movimento não pode ser colocado em alguma parte do espectro político, fala-se sobre sua organização e seus objetivos.

### **5.1. Formação e composição**

Cerca de 18 meses após ser eleito em 2017, Emmanuel Macron propôs aumentar os impostos em combustíveis na França, principalmente as taxas sobre o diesel, apresentando a proposta como uma maneira de diminuir o consumo e ajudar o meio-ambiente (Hoibian, 2019). Antes dessa proposta, Macron já havia barrado uma reforma da taxação dos ricos, a qual buscava aumentar o nível dos impostos, e apoiado a flexibilização de leis trabalhistas (Bergem, 2022). Naquele momento, com a aprovação de Macron em 31% (Walsh, 2018), deu-se origem ao movimento dos Coletes Amarelos. A proposta dos combustíveis foi o estopim que deu início aos protestos, os quais se concentraram em rotatórias pelas estradas francesas.

O movimento começou com iniciativas online, como abaixo-assinados online e vídeos contrários às novas taxas, os quais eram vistos e compartilhados por milhões de pessoas na França. A partir dessas movimentações, grupos em redes sociais, como o Facebook, foram criados para marcar local e horário de novas manifestações e compartilhar suas frustrações com a política

francesa (Hoibian, 2019). Essa horizontalidade do movimento fez com que ele nunca tivesse um líder reconhecido e apenas uma pessoa ou um grupo determinando suas reivindicações e questões.

A razão principal para o início dos protestos foi, aparentemente, uma reação a leis que buscavam ser mais verdes, proteger o meio-ambiente e diminuir a dependência de combustíveis fósseis. Em função disso, muitas pessoas diziam que se tratava de um movimento de extrema direita e contra políticas ambientais (Bejar-Garcia, 2020). Entretanto, o movimento não pode ser visto como antiambientalista ou de direita fundamentado apenas nesse argumento, como pode ser visto nos trabalhos de Baber (2019) e Algan *et al* (2018). Nesse último, é possível ver como o movimento dos Coletes Amarelos é composto por atores que expressam ideias oriundas de diversas partes do espectro político, enquanto mantém uma posição mediana sobre questões morais e de tolerância para as minorias.

Essa heterogeneidade apontada por Algan *et al* (2018) demonstra que havia opiniões divergentes dentro do movimento sobre as políticas ambientais, o que impede a definição do agrupamento como contrário a políticas verdes. Essa complexidade do movimento impede sua delimitação em diversas questões sociais, econômicas e institucionais, o que impediu a existência de documentos do movimento que realmente expressassem os sentimentos de todos os participantes.

Outro ponto importante visto dentro das bandeiras defendidas pelos Coletes Amarelos é a busca por uma maior inserção na política, buscando ampliar a participação política. Um dos argumentos mais utilizados da população que estava na rua que foi entrevistada é que as decisões governamentais não levavam sua opinião em consideração. Em resposta, Macron propôs que as prefeituras francesas deveriam receber seus moradores para ouvir suas críticas e pedidos (Grossman, 2019). Essa medida foi enxergada pelos manifestantes como uma forma de tentar diminuir as tensões nas ruas da capital francesa e não como uma real tentativa de ampliar a participação política pelo presidente francês.

Esse movimento também expôs muitas das desigualdades de classe, raciais e geográficas dentro da França, além de ser um sintoma da crise política no país, que é marcada principalmente pela polarização política criada em tempos recentes, como explanado em seção anterior sobre a política contemporânea francesa e seu histórico. Dentro do movimento, foi possível ver manifestações de cunho racista, xenofóbico, antissemita e fascista, assim como aquelas presentes nas eleições de 2017, mas logo essas questões foram sendo neutralizadas com a entrada de novos

grupos para o protesto. Por exemplo, Kipfer (2019) nota que a Action Antifasciste Paris-Banlieue (AFA-PB) participou nos protestos, impedindo que fascistas fizessem discursos em nome do movimento dos Coletes Amarelos. Em certo ponto, todos os grupos de extrema-direita acabaram sendo dispersados das manifestações, devido à contrariedade da maioria das pessoas dentro do movimento aos argumentos trazidos por eles.

Outro texto que demonstra esse antagonismo do Movimento contra violência e discursos de extrema-direita é o de Roca (2023), que traz que os casos de violência que ocorreram em protestos do movimento não foram aprovados pela grande maioria dos participantes. Um dos temores dos próprios participantes era a possibilidade de que, por sua descentralização, o movimento pudesse ser roubado por outros agrupamentos com agendas políticas mais restritivas. Como exemplo, dentro do próprio movimento havia pessoas que defendiam a inclusão da discussão sobre migração nas propostas que deveriam ser defendidas, enquanto outros eram contrários à ideia.

A própria vestimenta utilizada pelos manifestantes que deu nome ao movimento, o colete amarelo, também reflete um posicionamento ideológico. Tradicionalmente, o colete amarelo é utilizado por trabalhadores do trânsito ou construção, servindo para marcar um caráter de classe do movimento, já que se trata de trabalhos com menor remuneração financeira. Nesse sentido, muitos jornalistas e autores interpretaram o movimento como uma volta da classe trabalhadora para as ruas. Kipfer (2019) ainda nota que a maior parte das pessoas que trabalham com coletes amarelos, na França vivem nas periferias, já que não conseguem um salário alto o suficiente para morar nos centros das grandes metrópoles, como Paris. Assim, o colete amarelo, no início do movimento, foi uma referência simbólica ao morador de subúrbios ou de cidades menores do interior da França.

Segundo um estudo realizado pelo Institut Français d'opinion publique (Ifop) da Fundação Jean Jaurès (Mercier, 2020), grande parte dos manifestantes participaram em função da insatisfação econômica. Essas pessoas sentiam a diminuição da classe média da França, uma vez que eles começaram a perder seu poder de compra e diminuir seus gastos com lazer para conseguir fechar contas no final do mês. Nesse sentido, grande parte das reivindicações dos Coletes Amarelos passam por questões econômicas, como busca por ampliação do salário-mínimo e taxaço das grandes fortunas.

Outra pesquisa feita pelo Centre de Recherches Politiques da Sciences Po (CEVIPOF), apresentada por Algan *et al* (2019), mostra como o movimento se divide de acordo com o espectro

tradicional direita e esquerda da política. Segundo os resultados, cerca de 29% das pessoas entrevistadas apoiaram fortemente o movimento dos Coletes Amarelos e votaram em Marine Le Pen nas eleições de 2017, enquanto 22% escolheram Jean-Luc Mélenchon e apoiavam o movimento. Já o apoio a Emmanuel Macron ficou perto de 5% entre aqueles que demonstravam forte apoio para os Coletes Amarelos. Esses dados mostram o quanto o movimento alcança diferentes opiniões políticas ao mesmo tempo, indo desde Mélenchon, considerado de esquerda, até Le Pen, de extrema-direita.

Por conta dessa heterogeneidade, o movimento foi marcado, principalmente, por uma fragmentação profunda em sua composição, que influenciava também a forma como os objetivos e os protestos eram decididos e realizados. No final, não havia um porta voz do movimento capaz de explicar quais eram exatamente os objetivos do movimento ou um documento com suas reivindicações. O movimento, enfim, foi marcado por diversas demandas dispersas, que podiam não se complementar, o que explica a razão pela qual o movimento não pode ser separado em pequenas caixas, como esquerda ou direita.

## **5.2. A cobertura midiática do movimento**

A forma como se deu a cobertura pela mídia tradicional do movimento dos Coletes Amarelos revela aspectos importantes sobre a construção de narrativas e a representação pública do movimento. Segundo Boykoff (2006), a cobertura midiática desempenha um papel fundamental na forma como os movimentos sociais são percebidos e compreendidos pelo público. Nesse sentido, a maneira como os jornais e veículos de comunicação eletrônica e de TV abordaram as ações dos Coletes Amarelos influenciou a opinião pública e moldou a percepção sobre a legitimidade do movimento.

A situação que deixa ainda mais evidente essa ideia é o fato de o movimento ter sido visto, principalmente em seus primeiros meses, como um movimento de extrema-direita, apenas por ter tido seu estopim com uma pauta considerada contrária ao movimento ambientalista. Ainda nesse ponto, Colin (2019) analisou a forma como os Coletes Amarelos foram retratados nos editoriais de jornais franceses, revelando vieses e posicionamentos ideológicos daquelas mídias e sua visão sobre o movimento em si.

No mesmo sentido, a cobertura midiática abordou uma série de aspectos, destacando ainda a complexidade ideológica do movimento, que atraiu indivíduos de esquerda e de direita, desafiando as categorizações políticas tradicionais. A atenção da mídia contribuiu para amplificar

as vozes do movimento, gerando debates sobre os principais objetivos dele: justiça social, econômica e tributária (Kipfer, 2019). Essa cobertura, mesmo que por vezes negativa, serviu para espalhar a ideia do Movimento dos Coletes Amarelos, até influenciar países vizinhos a fazerem o mesmo, como a Bélgica, que teve seu próprio movimento dos Coletes Amarelos.

Sobre a cobertura negativa, Yao Li *et al* (2023) apresentam que a cobertura midiática do movimento exacerbou as questões de violência, embates com a polícia, carros queimados e lojas saqueadas. Ou seja, houve uma maior cobertura sobre aspectos negativos do movimento, o que também levou à uma ideia errônea e contrária ao agrupamento por aqueles que não estavam participando.

No entanto, Caren *et al* (2020) trazem também a perspectiva de como as redes sociais auxiliaram o movimento dos Coletes Amarelos a lutar contra o que estava sendo reportado de forma errônea na mídia tradicional. A partir das redes, os manifestantes conseguiram espalhar e alcançar diversas pessoas de forma a ampliar o escopo e os temas do próprio movimento. As plataformas ofereceram aos ativistas a oportunidade de se expressarem diretamente, sem a mediação tradicional da imprensa, o que influenciou significativamente também a forma como o movimento era visto pela população e até a mídia.

Em Peeters e Maesele (2024), é possível ver como a mídia alternativa alterou sua forma de retratação dos Coletes Amarelos após a comoção favorável de grande parte do país sobre suas demandas. Assim, a mídia alternativa passou a enquadrar os Coletes Amarelos dentro de uma lógica populista, segundo os autores, que significaria que os manifestantes passaram a ser vistos como representantes de um descontentamento legítimo contra uma elite desconectada.

Ao mesmo tempo, havia uma cobertura midiática tradicional com perspectiva mais crítica, abordando a questão da desigualdade social de maneira mais abrangente e explorando diferentes ângulos do movimento. Essa mesma cobertura acabava simplificando o movimento em uma escala binária de “o povo” contra a “elite”, o que não era a realidade total do movimento dos Coletes Amarelos, com toda a sua diversidade e heterogeneidade (Peeters e Maesele, 2024).

Nesse sentido, as redes sociais puderam influenciar a forma como o movimento se dispersou em diversos grupos, mas também a garantir que ele se tornasse conhecido nacionalmente. Já a cobertura midiática garantiu ainda mais dispersão das ideias do movimento dos Coletes Amarelos, o que ainda contribuiu também para a heterogeneidade do movimento. Apesar de uma

cobertura negativa inicialmente, o movimento conseguiu conquistar pessoas de classes, localidades, vivências completamente diferentes.

### **5.3. A organização do movimento**

O contexto em que o movimento se formou permitiu a ele uma estrutura organizacional única, que desafia algumas ideias propostas pela teoria de movimentos sociais. Surgido em um momento de tensão política na França de 2018, o movimento mostrou-se e desenvolveu-se como descentralizado e ausente de liderança formal, o que permitiu uma participação ampla e diversa. Essa organização permite entender como o movimento se sustenta e evolui, bem como ajuda na resposta proposta pelo trabalho.

Diferente de movimentos sociais que se organizam em torno de partidos políticos ou líderes carismáticos, os Coletes Amarelos operam por meio de uma rede de grupos locais autônomos. O movimento foi coordenado desde o início por meio de redes sociais, especialmente Facebook e Whatsapp, que funcionaram como forma de disseminação de informações, convocação de protestos e discussões sobre estratégias e demandas (Froio *et al*, 2023).

Como foi colocado anteriormente, essa forma descentralizada do movimento permitiu com que ele atingisse de formas diversas a população, gerando um grupo variado em torno de propósitos e objetivos diferentes. Algumas pessoas ainda conseguiram se manter no movimento como espécies de porta-vozes das demandas daqueles manifestantes, mas tinham uma função representativa, refletindo um dos pontos principais daquele movimento: democracia (Froio *et al*, 2023).

Koca (2023), em um texto que analisa o movimento dos Coletes Amarelos, classifica-os como um movimento social em rede, ou seja, que possui várias características chaves que os distinguem dos movimentos sociais tradicionais, desafiando as estruturas de liderança convencionais. A partir dessa ideia, o autor apresenta a descentralização dos Coletes Amarelos como característica importante para o movimento, já que permite maior autonomia e flexibilidade nos processos de tomada de decisão do movimento.

De certa forma, como coloca Koca (2023), havia um foco em questões locais do movimento, já que ele se organizava descentralizadamente pelo país, com diferentes frentes agendando manifestações. Assim, abria-se espaço em um movimento nacional para que questões particulares de cada cidade e bairro fossem colocadas em questão, como falta de serviços públicos, desigualdade econômica e marginalização social dentro de contextos bairristas ou cidadãos.

Dessa forma, essa descentralização conforma-se na ideia apresentada na primeira seção deste capítulo, de que se trata de um movimento sem liderança e sem apresentação de objetivos concisos, já que há diversas ideias circulando ao mesmo tempo dentro do movimento. Dessa forma, a descentralização e a heterogeneidade contribuem para a tese de que é possível que movimentos sociais não possam ser determinados dentro da escala esquerda-direita.

#### **a) Redes sociais como ferramenta de organização**

A partir das redes sociais, esses porta-vozes conseguiram organizar protestos, como bloqueios de estradas, ocupação de rotatórias e protestos em pontos estratégicos na capital francesa, Paris. Essas ações planejadas serviam como combustível para o movimento que, inicialmente, recebeu atenção da mídia de forma ininterrupta. A própria escolha de parar o trânsito como forma de protesto chamava atenção para a origem do movimento: trabalhadores que dependem do transporte rodoviário, que sofreu com os aumentos nos combustíveis devido à agenda verde de Macron (Carpenter; Perrier, 2023).

Koca (2023) coloca as redes sociais também como parte importante da definição do movimento dos Coletes Amarelos, principalmente no quesito de flexibilidade. Devido à forma como as redes sociais operam, com facilidade e rapidez, o movimento pôde se adaptar rapidamente a mudanças políticas e utilizar os canais de comunicação para estruturar seus protestos. Além disso, as redes sociais serviram para incluir diversas pessoas com históricos e origens diferentes, que podiam utilizar uma plataforma que permitia que grupos politicamente subrepresentados participassem de ativismo e engajamento cívico.

Outro ponto fundamental dessa forma de organização é a possibilidade dada ao movimento de criar grupos locais que podiam operar de forma relativamente autônoma, enquanto ainda estavam conectados ao movimento nacional. A partir dos grupos no Facebook, por exemplo, era possível compartilhar informações sobre eventos locais, discutir estratégias e coordenar ações de protesto. Enquanto isso, o Whatsapp permitia uma comunicação eficaz e rápida, possibilitando uma coordenação em tempo real durante os protestos, apesar de não existirem líderes para o movimento (Froio *et al*, 2023).

A partir dessa divisão do movimento maior em pequenas áreas de protestos locais, era possível que outras demandas surgissem, aquelas ligadas totalmente a uma localidade. Ou seja, Paris tinha questões específicas que outras localidades, como Lille, não possuía, gerando um movimento tão amplo que era impossível prever o que seria feito, de que forma e o que o

movimento como um todo demandava. Essa descentralização impedia que os órgãos de segurança dos governos locais e do governo nacional conseguissem impedir o crescimento do movimento (Froio *et al*, 2023), principalmente porque não se podia encontrar um único responsável pelos protestos que poderia ser preso ou julgado.

Nesse sentido, há um espalhamento de manifestações por todo o país de forma descontrolada, com protestos sendo organizados no mesmo dia por meio de redes sociais, impedindo também a organização para impedir sua realização, já que não se sabia exatamente onde eles aconteceriam para os prevenir de antemão. Assim, as redes sociais contribuem para fazer do movimento algo descentralizado e incapaz de ser classificado dentro da esquerda ou da direita, levando em consideração a escala tradicional utilizada pela Ciência Política.

### **b) Democracia direta e participativa**

A forma como as demandas surgiam no movimento fez com que se abrisse espaço para um objetivo específico de alcance nacional: maior participação política. Inicialmente, muitos dos manifestantes eram pessoas que protestavam pela primeira vez e que tinham pouca ou nenhuma experiência política anterior. Nesse sentido, com a vontade de participação, havia uma demanda por referendos de iniciativa popular, ou seja, participação direta da população nas decisões políticas. Buscava-se, com isso, um sistema político mais inclusivo e responsivo às necessidades e preocupações da população, mas também exacerbava a situação política na França naquele momento: insatisfação generalizada (Monnery; Wolff, 2023).

Nesse sentido, o movimento acabou defendendo uma reforma política generalizada para garantir que os desejos da população de baixa renda fossem ouvidos. O movimento acreditava que os políticos não se preocupam com as necessidades da população, mas sim com os interesses dos ricos e poderosos. Parte dessa demanda poderia ser resolvida com petições e campanhas online, que foram utilizadas de instrumento pelo movimento. Assim, pauta importante era o apelo por maior representatividade e uma reforma do sistema político (Algan et al).

Esse desejo pela democracia direta colocava o Movimento em dissonância com o partido de Emmanuel Macron, La République en Marche (LREM), que defendia a manutenção do sistema representativo existente, já que garantiria estabilidade institucional e política (Hamdaoui, 2022). No entanto, o movimento tomou proporções inimagináveis, o que acabou levando Macron a implementar assembleias locais para discutir sobre como melhorar as condições para a população em algumas cidades como uma forma de apaziguar os ânimos do movimento (Froio *et al*, 2023).

Em alguns momentos, o movimento chegou a defender, como parte do aumento da participação política, educação política voltada para a promoção de debates e discussões sobre política e democracia. Essa seria uma forma de capacitar os cidadãos para se envolverem ativamente no processo político (Outrywe, 2023).

Dessa maneira, é evidente que o movimento, apesar de heterogêneo e sem objetivos concisos, conseguiu atingir algumas metas colocadas por grupos dentro dele, principalmente aquelas voltadas para ampliação da participação política. No entanto, essa descentralização conhecida do movimento ainda deixava espaço para que outras demandas existissem, inclusive aquelas que não cabiam dentro de um governo democrático, mas que rapidamente foram extintas.

### c) Além do movimento francês

O movimento francês expandiu-se de tal forma que chegou a criar movimentos com o mesmo nome em outros países, como na Bélgica. Como é colocado por Knops, Loriaux e Sardan (2022), o movimento dos Coletes Amarelos belga manteve a mesma ideia descentralizada do original, sendo notável por sua falta de estrutura formal, mas com potencial de mobilização em massa, unindo uma variedade de identidades sob o símbolo coletivo dos coletes amarelos.

Na Bélgica, como na França, o movimento foi marcado por uma mobilização por discursos democráticos e reivindicações políticas tradicionalmente associadas aos sindicatos do país. Ainda como na França, o movimento belga tinha como participantes, principalmente, a classe trabalhadora, tanto aqueles com trabalhos estáveis, quanto os que enfrentavam a precariedade ou exclusão do mercado de trabalho. O movimento surgiu com essas pessoas apesar de suas diferenças sociodemográficas (Knops *et al*, 2022).

Os autores Knops *et al* chegam a afirmar que o movimento dos coletes amarelos foi uma encarnação de uma nova forma de luta ecosocial, especialmente na articulação de narrativas que abordam questões de justiça ambiental e social. Esse movimento, o francês, belga e qualquer outro, foi capaz de juntar lutas diferentes em uma só: desigualdade e ambientalismo, chegando a colocá-las como opositoras, uma vez que medidas ecosociais podem levar ao aumento da desigualdade. Nesse sentido, um dos pontos principais para entender esse movimento é sua luta contra a injustiça.

Nesse sentido, o movimento belga também ajuda a entender que a heterogeneidade que existe no movimento francês foi repassada para aqueles que se iniciaram em outros países, utilizando a mesma nomenclatura. No entanto, é possível enxergar similaridades e diferenças entre eles, já que tiveram pautas iguais sendo defendidas pelos seus participantes, como justiça ambiental

e o problema de se aumentar o valor de combustíveis fósseis, quando a maior parte da população, principalmente a parte mais pobre da sociedade, ainda possui carros movidos à combustão.

#### **5.4. Os objetivos do movimento**

O início do movimento foi pautado principalmente por ideais de justiça fiscal e crítica à concentração de renda, principalmente com uma pauta de que havia uma desconexão do poder público em relação à maioria da população, que não tinha representatividade. Nesse ponto, começou-se ainda uma luta por maior representação, buscando a inserção de formas de democracia direta, como assembleias populares e referendos (Outryve, 2023).

Seu início foi pautado principalmente por conta do aumento dos custos de combustíveis fósseis, carga tributária que incide principalmente sobre pessoas de baixa renda, que usam este meio de condução e não poderiam trocar facilmente para um carro elétrico, por exemplo. Rapidamente, o movimento expandiu suas metas dentro deste tópico e passou a discutir demandas relacionadas à carga fiscal e ao custo de vida como um todo. Assim, o movimento passou a buscar uma estrutura mais equitativa de cobrança de impostos, buscando alívio para as classes médias e baixas (Algan et al, 2019).

Outro ponto importante defendido pelo movimento foi a defesa pela implementação de impostos sobre os mais ricos, ou seja, tributação progressiva. Este ponto era defendido com o argumento de que o tributo poderia ajudar a financiar serviços públicos, inclusive para o âmbito ambientalista, e reduzir a carga sobre os mais pobres. Esse ponto era defendido utilizando o termo “justiça social e econômica”, o que foi também levado para o movimento belga dos Coletes Amarelos (Algan et al, 2019).

No final, o movimento dos Coletes Amarelos enfrentou dificuldades para determinar seus objetivos, principalmente por conta de sua heterogeneidade. Como colocado, havia desacordos entre os membros do movimento sobre o que deveria ser prioridade ou não. No início, essa heterogeneidade foi capaz de convidar ainda mais pessoas para participar o movimento, abrindo espaço para grupos marginalizados, como imigrantes. No entanto, apesar de reconhecer o problema da desigualdade de renda, o movimento não conseguiu reconhecer demandas que buscavam tornar sua agenda mais inclusiva, como políticas identitárias (Koca, 2023).

Sua imprecisão sobre o que deveria ser defendido e de que forma acabou limitando seu projeto político mais recentemente, afastando diversos grupos marginalizados de suas propostas atuais. Consequentemente, com menos participação, o movimento também perdeu força,

principalmente para elaborar protestos e se manter relevante dentro de um cenário pouco diferente daquele encontrado no início do movimento de polarização e ascensão da extrema direita.

Dessa forma, o movimento, que surgiu inicialmente para contestar o aumento dos preços dos combustíveis, acabou evoluindo para uma contestação mais ampla da estrutura da sociedade francesa, abordando questões de desigualdade social, políticas públicas, a percepção da injustiça econômica e social e mudança institucional por meio de democracia direta. Essa diversidade de assuntos sendo tratada por apenas um movimento é resultado da heterogeneidade de participantes.

## **6 O MOVIMENTO, SEU POSICIONAMENTO E CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A diversidade do movimento, de seus objetivos, de sua comunicação e de suas temáticas discutidas impede que seja possível utilizar uma escala unidimensional como a esquerda e direita para categorizá-lo. Nesse sentido, o movimento dos Coletes Amarelos pode ser descrito como uma mobilização popular diversificada, transcendendo divisões políticas tradicionais e sendo impossível delimitar sua ação. A heterogeneidade expressada pelos objetivos difusos e composição fizeram com que o movimento não pudesse delimitar os objetivos pelos quais os membros estavam protestando, o que impede seu enquadramento dentro do espectro esquerda-direita tradicional.

Além desse ponto, o Movimento é um reflexo da sociedade francesa daquele momento: insatisfeita, buscava-se soluções fora da política tradicional, com o apoio para o partido que supostamente defendia ideias diferentes daquelas que eram implementadas há anos no país, o Rassemblement National, de Marine Le Pen. Apesar de ter sido inicialmente colocado como um movimento de direita por ter tido seu estopim com a taxação do diesel, o movimento rapidamente conseguiu demonstrar que se tratava de uma insatisfação generalizada com a situação da França.

Ao mesmo tempo que demonstrava essa possibilidade de ser antipolíticas ambientalistas, o movimento expressava visões contra a concentração de renda, nacionalismo e desigualdade, que são tradicionalmente pautas da esquerda, como demonstrado na seção sobre o espectro esquerda-direita. Os próprios participantes do movimento se posicionavam na escala das formas mais variadas possíveis, deixando ainda mais evidente sua heterogeneidade.

Assim, o movimento buscou uma ênfase na soberania popular por meio da defesa da democracia direta e busca por realização de assembleias para discutir localmente os problemas de cada região. Os Coletes Amarelos foram um agrupamento responsável pelo questionamento das relações de poder e promoção de participação cidadã nas tomadas de decisões políticas.

Em suma, este trabalho buscou demonstrar que a simplicidade trazida pela delimitação entre esquerda e direita expressa também uma capacidade de analisar movimentos mais complexos. No caso dos Coletes Amarelos, especificamente, a complexidade de ideias, composição, organização e objetivos deixa evidente que a escala tradicional utilizada por meios de comunicação e por cientistas políticos para entender a política pode não ser suficiente para explicar problemas da sociedade contemporânea, que são mais complexos do que eram quando o espectro foi criado na França, durante a Revolução Francesa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGAN, Yann. BEASLEY, Elizabeth. COHEN, Daniel. FOUCAULT, Martial. PERÓN, Madeleine. Qui sont les gilets jaunes et leurs soutiens ? Observatoire du Bien-être du CEPREMAP et CEVIPOF, n° 2019-03, 14/12/2019.

ATHARI, Elika. PAPON, Sylvain. ROBERT-BOBÉE, Isabelle. **Quarante ans d'évolution de la démographie française : le vieillissement de la population s'accélère avec l'avancée en âge des baby-boomers.** Institut National de la Statistique et des études économiques (INSEE). 2019. Disponível em : <https://www.insee.fr/fr/statistiques/4238437?sommaire=4238781#titre-bloc-22>. Acesso em : 20/07/2023.

BABER, Zaheer. Climate Change and the Yellow Vest Movement. EPW: Economic & Political Weekly, vol 54, issue 34. Publicado em 24/08/2019.

BEJAR-GARCIA, Carlos. France's Yellow Vest Movement and the Global Debate on Climate Change. Harvard International Review, 27/04/2020. Disponível em: <https://hir.harvard.edu/frances-yellow-vest-movement-and-the-global-debate-on-climate-change/>. Acesso em: 17/12/2022.

BRECHON, Pierre. Valeurs de droite et valeurs de gauche : de la Révolution française aux élections de 2017. The Conversation France. 6 de abril de 2017. Acesso em: 12/05/2023. Disponível em: [https://www.gps-st-ismier.org/IMG/pdf/publication\\_the\\_conversation\\_20170406.pdf](https://www.gps-st-ismier.org/IMG/pdf/publication_the_conversation_20170406.pdf)

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política.** Editora UNESP. São Paulo: 1995.

CHAMOREL, Patrick. Macron versus the Yellow Vests. Journal of Democracy, volume 30, n. 4. Publicado em outubro de 2019.

CHABAL, Emile. Behrent, Michael C. Renterghem, Marion Van. Historical perspectives on the 2022 electoral cycle in France. Oxford University Press. 2023.

CARVALHO, Daniel Gomes de. **Revolução Francesa.** Editora: Contexto. São Paulo: 2022.

COHEN, Sandra. **Entenda como Macron impôs a impopular reforma previdenciária por decreto, sem a aprovação do Parlamento.** G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2023/03/16/entenda-como-macron-pode-impor-a-impopular-reforma-previdenciaria-por-decreto-sem-a- aprovacao-do-parlamento.ghtml>.

Acesso em: 24/07/2023.

- DEMOSSIER, Marion. LEES, David. MONDON, Aurélien. PARISH, Nina. **The Routledge Handbook of French Politics and Culture**. London and New York: Routledge. 2020.
- DOUENNE, Thomas. FABRE, Adrien. French attitudes on climate change, carbon taxation and other climate policies. *Ecological Economics*, vol. 169. Março de 2020.
- DOUENNE, Thomas. FABRE, Adrien. Yellow vests, pessimistic beliefs, and Carbon Tax aversion. *American Economic Journal: Economic Policy*, vol. 14, no. 1. Fevereiro de 2022.
- GROSSMAN, Emiliano. France's Yellow Vests – symptom of a chronic disease. *Political Insight – Political Studies Association*, vol. 10, issue 1. Março de 2019.
- HOBBSAWM, Eric. **A Era das Revoluções: 1789-1848**. Editora: Paz & Terra. São Paulo: 2012.
- HOIBIAN, Sandra. **Le mouvement des Gilets Jaunes ou les limites d'un modèle de société**. Centre de Recherche pour l'étude et l'observation des conditions de vie (CRÉDOC). 2019. Disponível em: <https://www.credoc.fr/publications/le-mouvement-des-gilets-jaunes-ou-les-limites-dun-modele-de-societe>. Acesso em: 26/06/2023.
- JOSHI, Devin K. **A new conceptualization of the Political Left and Right: One dimension, Multiple domains**. *Canadian Journal of Political Science*. 54. 2021. pp. 534-554.
- KNUTSEN, Oddbjorn. **The strength of the partisan component of left-right identity**. *Party Politics*. Vol. 4. N. 1. Londres. 1998. pp. 5-31.
- LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro**. Editora: Zouk. São Paulo: 2019.
- LEFEBVRE, Rémi. Les Gilets Jaunes et les exigences de la représentation politique. *La vie des idées*. Publicado em [lavedesidees.fr](http://lavedesidees.fr). 2019.
- MAESELE, Pieter. PEETERS, Maud. **Ideological crystallization: rethinking the alternative-mainstream binary in times of populist politics**. *Sage Journal*. 2024.
- MARCOS-MARNE, Hugo. LLAMAZARES, Ivan. SHIKANO, Susumu. **Left-Right radicalism and Populist attitudes in France and Spain**. *Journal of Contemporary European Studies*. Vol. 30. N. 4. 2022. pp. 608-622.
- RODRIGUÊS, Theófilo Machado. **Populismo de esquerda versus populismo de direita no início do século XXI: o conflito político nos EUA, Inglaterra, França e Alemanha**. *Revista de Estudos Políticos*. Vol. 9. N. 1. 2018.
- SNIPES, Alexandra. MUDDE, Cas. « **France's (kinder, gentler) Extremist** » : **Marine Le Pen, Intersectionality, and Media Framing of Female Populist Radical Right Leaders**. *Politics & Gender*. Cambridge University Press. 16. 2020. pp. 438-370.

STIMSON, James A. THIÉBAUT, Cyrille. VICENT, Tiberj. **The evolution of policy attitudes in France**. *European Union Politics* 13(2). pp. 293-316. 2012.

WALSH, J. **French President Emmanuel Macron's ratings hits its lowest point yet**. *Business Insider*. 5 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/french-president-emmanuel-macron-job-approval-ratings-record-low-2018-9?r=US&IR=T>. Acesso em: 26/06/2023.